

Universidades Lusíada

Fernandes, Samuel Roda, 1959-

Esquissos : apontamentos sobre o desenho

<http://hdl.handle.net/11067/4881>

Metadados

Data de Publicação	1998
Tipo	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2023-05-05T20:21:41Z com
informação proveniente do Repositório

ESQUISSOS - APONTAMENTOS SOBRE O DESENHO

SAMUEL RODA FERNANDES

A proposta deste texto inscreve-se numa tentativa de reflexão sobre as primeiras operações de representação que envolvem invariavelmente os actos criativos arquitectónicos e a que o senso comum habitualmente ligado à imagem chama de *esquissos* ou *esboços*. Estas observações são também, por sua vez, um apontamento sobre um discurso mais alargado do que é o desenho nas suas várias manifestações.

Sendo registos de *acção espontânea*, estes métodos de expressão gráfica, ainda que comprometidos com uma ideia, são sistematicamente um veículo de transmissão de mensagens, assumindo emoções, mas comunicando dentro de uma lógica discursiva. Pela sua voluntariedade dão maior ênfase à síntese dos aspectos que melhor caracterizam essas traduções, convidando frequentemente a explorar sensações várias baseadas nos sentidos do olhar sobre as diferentes formas expressas através do modo como se manifestam as suas configurações.

Do acto empírico do desenhar - o desenho - importa salientar a sensibilização à ideia que o sustenta; tradução possível e visível de uma ideia. A representação torna-se veículo e enforma já, de per si, *crítica*, enquanto opção do que se sugere, ou do que vai aparecendo enquanto solução. É neste estágio que as várias hipóteses surgem, e as formas aparentes consubstanciam-se em traduções várias, páginas que em sequência *trabalham* a ideia, operando possibilidades. Neste contexto a actividade projectual arquitectónica desenvolve-se mediante uma acção reflexiva que se produz no âmbito profundo do conhecimento, estruturando-se através da produção de imagens e significados num território tão precário como uma folha de papel.

Os vários patamares de controle, ou melhor, de ensaio, de qualidade da futura obra arquitectónica, são testados pelo arquitecto quando analisa criticamente os seus desenhos, que persistentemente captam e resolvem os problemas que se vão levam-

tando, através das regras do pensamento visual às quais está submetido o desenho. Como tésseras - pensamento e representação - vão em cadências sucessivas urdindo composições várias, criando equilíbrios entre fenómenos muito diversos donde a menor ambiguidade pode romper esse elo mágico que faz de cada expressão um veículo próprio do acto criativo.

A representação nunca esteve univocamente ligada à imagem reproduzida e a dificuldade de configurar converte-se na dependência de um discurso que dá conta de si através de várias expressões no sentido integrador de todos os seus elementos. Deste modo, a interrelação entre o que se faz e o que se lê, abre caminhos no sentido da descoberta dos vários modos de ver e fazer, consignando a tradução de várias impressões colhidas que, consagrando significados vários, através dos diversos olhares sobre um tema, os seus modos de registo e a sua expressão, abre caminhos no sentido da apreensão de novos territórios.

A evolução da ideia é estabelecida através da explicitação, sistematização e sedimentação de um conjunto articulado de propósitos, operando com um discurso lógico, de forma a tornar claras as imagens que se vão produzindo.

A relação entre a ideia e a sua concretização redimensiona-se no processo de representação e a fragmentação da sua leitura como um sistema de referências que constroem e desconstroem a realidade, investigando-a, criando uma multiplicidade de soluções que, através do trabalho sistemático e exaustivo, conduz o operador a entender e a tomar consciência de importantes questões subjacentes ao acto criativo através do desenho: o entendimento da conceptualidade de determinados dados do enformar visual, à sua participação activa na tradução selectiva do acto de realizar desenho, através de um processo de actuação que tenda à maturação do conhecimento de escalas de apropriação entre a realidade e a sua tradução.

O desenho redimensiona-se na fragmentação da sua leitura e consequentemente o acto de desenhar reflecte o lugar onde se engendra a sua imagem e simultaneamente a intemporalidade do fazer e do pensar. Deste modo, este exercício do ver funde-se com a capacidade de eleger soluções várias através de diversas equações que tendem à enformação de um *produto acabado* ou temporariamente finalizado.